

Governo Lula muda tom e critica pela 1ª vez cerco à oposição na Venezuela

Ditadura diz que comunicado brasileiro é 'intervencionista' e parece ter sido ditado pelos EUA

Ricardo Della Coletta e Júlia Barbon

BRASÍLIA E BUENOS AIRES O governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mudou de tom e criticou pela primeira vez, nesta terça-feira (26), o bloqueio à candidatura da opositora Corina Yoris, nome escolhido pela principal força de oposição contra o chavismo nas eleições de julho na Venezuela.

Em nota, o Itamaraty disse que "acompanha com expectativa e preocupação o desenrolar do processo eleitoral" no país, marcando uma inflexão na postura até então adotada por Lula em relação ao regime do ditador Nicolás Maduro, de preservar o aliado sul-americano.

"O Brasil reitera seu repúdio a quaisquer tipos de sanção que, além de ilegais, apenas contribuem para isolar a Venezuela e aumentar o sofrimento do seu povo", afirma, por outro lado, o comunicado do Ministério de Relações Exteriores.

Ao menos outros sete países da América Latina já haviam expressado "grave preocupação" com o impedimento da candidatura nesta segunda (25), em uma nota conjunta de Argentina, Uruguai, Peru, Paraguai, Costa Rica, Equador e Guatemala. O Brasil decidiu aguardar o fim do prazo eleitoral para se pronunciar.

Nesta terça, a Colômbia, cujo governo de Gustavo Petro é amigável com o regime Maduro, também criticou os últimos acontecimentos e reiterou pedidos de que todas as partes cumpram o acordo entre ditadura e oposição.

"Colômbia expressa sua preocupação com os recentes acontecimentos ocorridos por ocasião das inscrições de algumas candidaturas presidenciais", afirmou a chancelaria de Bogotá, que foi criticada de forma semelhante ao tratamento dado ao Brasil

pelo chanceler venezuelano em publicação no X.

Em resposta às críticas do Itamaraty, Caracas divulgou um duro comunicado rebatendo o posicionamento do governo Lula. Em uma clara mudança na relação entre os países, a chancelaria venezuelana chamou a nota do Itamaraty de "cinzenta e intervencionista" e afirmou que o texto parece ter sido ditado pelos Estados Unidos. Por outro lado, não citou o nome do presidente Lula e enfatizou que o comunicado foi redigido "por funcionários da chancelaria brasileira".

"O Ministério do Poder Popular para as Relações Exteriores da República Bolivariana da Venezuela repudia o comunicado cinzento e intervencionista redigido por funcionários da chancelaria brasileira, que parece ter sido ditado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, no qual são emitidos comentários carregados de profundo desconhecimento e ignorância sobre a realidade política na Venezuela", diz a nota divulgada pelo chanceler Iván Gil, em português.

"O governo venezuelano tem mantido uma conduta fiel aos princípios que regem a diplomacia e as relações amistosas com o Brasil, sendo que, em nenhuma hipótese, emite nem emitirá juízos de valor sobre os processos políticos e judiciais que ocorrem naquele país", continua o texto.

O país vizinho cita ainda o princípio na não ingerência nos assuntos internos e diz que sua democracia é "uma das mais robustas da região". Houve, no entanto, aumento do cerco contra opositores nos últimos meses.

A professora universitária Corina Yoris seria a candidata da coalizão Plataforma Unitária, em substituição a María Corina Machado, que foi inabilitada para exercer car-

gos públicos por 15 anos pelo regime. María Corina venceu com folga as primárias da oposição no ano passado e era favorita nas pesquisas.

A aliança, porém, denunciou nesta segunda-feira que foi impedida de incluir Yoris na disputa. "Fizemos todas as tentativas de inserir os dados e o sistema está completamente fechado para poder entrar digitalmente", afirmou Yoris em entrevista coletiva a horas do encerramento do prazo para as inscrições.

O Itamaraty afirmou que o impedimento "não é compatível com os acordos de Barbados" e "não foi, até o momento, objeto de qualquer explicação oficial", destacando que não há nenhuma decisão judicial contra a candidata.

O Acordo de Barbados foi um entendimento entre o regime Maduro e a oposição, com mediação internacional, que permitiu a convocação das eleições deste ano. No entanto, houve recrudescimento da perseguição a opositores nos últimos meses, incluindo a inabilitação de Machado e a prisão de diversos críticos ao regime.

Recentemente, o regime inabilitou sua principal opositora, María Corina Machado, prendeu membros de sua equipe de campanha sob a acusação de conspiração e expulsou funcionários da agência de direitos humanos da ONU do país. Também mandou tirar do ar o sinal do canal alemão Deutsche Welle, que havia publicado denúncias contra o alto escalão.

Em um aceno a Lula, por outro lado, o comunicado da Venezuela "agradeceu as expressões de solidariedade do presidente Lula da Silva, que condenam direta e inequivocamente o bloqueio criminoso e as sanções que o governo dos Estados Unidos impôs ilegalmente, com o objetivo de produzir dano ao nosso povo".

“ O governo brasileiro acompanha com expectativa e preocupação o desenrolar do processo eleitoral. [...] O Brasil está pronto para, em conjunto com outros membros da comunidade internacional, cooperar para que o pleito anunciado para 28 de julho constitua um passo firme para que a vida política se normalize e a democracia se fortaleça na Venezuela

Itamaraty em comunicado

“ O Ministério do Poder Popular para as Relações Exteriores da República Bolivariana da Venezuela repudia o comunicado cinzento e intervencionista redigido por funcionários da chancelaria brasileira

Iván Gil chanceler da Venezuela, em nota

Aliança antichavista consegue registrar candidato provisório

SÃO PAULO A principal força de oposição à ditadura de Nicolás Maduro na Venezuela informou na terça (26) ter em fim conseguido inscrever um candidato para representá-la nas eleições presidenciais no país.

O nome em questão não é, porém, nem o de María Corina Machado —vencedora das primárias da oposição, mas inabilitada por 15 anos a ocupar cargos públicos—, nem o daquela que ela havia designado como sua substituta, a professora universitária Corina Yoris, e sim o de Edmundo González Urrutia.

Ex-embaixador, ele foi registrado como candidato pela MUD (Mesa da Unidade Democrática), coalizão absorvida pela atual aliança opositora, PUD (Plataforma Unitária).

Segundo a PUD, o nome de González Urrutia é provisório, e busca garantir a apresentação da força pleito até que ela consiga "inscrever sua candidatura por direito". Segundo a Reuters, as alianças podem substituir seus candidatos até o dia 20 de abril.

Em nota no X, a PUD afirmou que a decisão foi motivada pela concessão, por parte do órgão eleitoral venezuelano, de um prazo de algumas horas para realizar o processo de inscrição de um candidato próprio no último dia para isso, segunda-feira (25).

Além da PUD, 12 candidatos haviam sido registrados. Apenas um deles é da oposição de fato: Manuel Rosales, que perdeu para Hugo Chávez nas eleições presidenciais de 2006. Outros 9 nomes são considerados "alacranes", termo local para colaboradores do regime. Por fim, o próprio Maduro oficializou sua candidatura na segunda-feira.

Com AFP e Reuters

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Página: 11